

**FILOLOGIA:
UMA CIÊNCIA ANTIGA E UMA POLÊMICA ETERNA**

Exedito Eloísio Ximenes (UECE)
eloisio22@hotmail.com

RESUMO

Discutimos aqui alguns conceitos de filologia desde as concepções mais clássicas aos dias atuais com base em vários autores da área. Apresentamos o percurso dos estudos filológicos no Brasil, destacando os principais nomes que trilharam este caminho no princípio de nossa história cultural, a introdução da linguística moderna nos currículos acadêmicos brasileiros e o silenciamento parcial da filologia. Na última década do século XX, houve um ressurgimento visível dos estudos filológicos despertando o interesse de vários pesquisadores, professores e alunos em todo país que começaram a criar grupos de pesquisa, publicar material editado em forma de livros, criar revistas, organizar congressos, seminários e programas de pós-graduação. Tudo isso contribui para o estado atual da filologia no Brasil.

Palavras-chave: conceitos de filologia. Linguística. Estudos filológicos.

1. Introdução

Neste artigo, abordamos um tema que, apesar da sua antiguidade, ainda gera conflitos quanto à sua definição, faltando-lhe consenso sobre seus limites de abrangência. Trata-se da filologia, essa ciência que apaixonou aos que dela se aproximam por sua maneira de abordar o objeto “língua” em suas várias dimensões.

O objetivo aqui é tão-somente fazermos algumas reflexões sobre o tema e sobre o fazer filológico e apresentarmos um panorâmico sobre o desenvolvimento da filologia no Brasil. Entendemos que tais reflexões e informações iluminam o caminho de estudiosos da língua interessados pelos labores filológicos.

Uma função básica da filologia é a recuperação dos textos escritos

em tempos pretéritos, por meio da edição conservadora e a explicação de fenômenos da história e da cultura de um povo, expressos por meio da linguagem registrada nos textos.

A leitura cuidadosa, a recuperação, a edição semidiplomática e a interpretação dos textos levam-nos à necessidade de explicitar dados contidos nos documentos que revelam aspectos linguísticos, históricos, sociais e jurídicos referentes ao tempo que se referem os textos.

Entendemos que só conseguimos conhecer o passado dos povos por meio dos registros deixados por eles. Uma das tarefas da filologia, diríamos, o seu papel principal, é o resgate da produção textual de uma época que possibilita conhecer a história da língua, as possíveis mudanças geradas pelas alterações sociais e, sobretudo, compreender todas as manifestações vividas por uma comunidade, expressas nas entrelinhas dos textos.

Passa-nos longe qualquer pretensão de sanar querelas sobre o tema, porém, faz-se justo trazeremos alguns conceitos que, ao longo da história, perpetraram o pensamento dos estudiosos que tentaram esclarecer o assunto. Logo, vale dizer que ainda não está de todo resolvido o debate, pois, com o passar do tempo, as opiniões se modificaram, ampliaram-se os conceitos, entrecruzaram-se com outras áreas afins, tornando-se complexo o seu entendimento pleno. É o que tem ocorrido em relação à filologia, principalmente quando do seu confronto com a linguística. Mesmo assim, é possível estabelecer os limites de cada uma e reconhecer que a filologia trata das manifestações da língua humana, específica e unicamente, em sua forma escrita. Pelo menos é o que tem se afirmado ao longo do tempo. Aplicam-se, hoje, os recursos tecnológicos avançados ou ainda se mantêm os recursos “antiquados” e, assim, os estudos filológicos são muito amplos e responsáveis não só pela análise puramente de uma língua, mas por todo o contexto que envolve os textos. Portanto, o campo filológico é aberto para uma interpretação linguística propriamente dita que envolve as várias dimensões estruturais de um idioma, mas também leituras extralinguísticas, considerando as condições externas e cronológicas em que o texto foi elaborado.

2. Alguns conceitos de filologia

Como já dito, o conceito do termo filologia é muito amplo e divergente, principalmente, quando no confronto com a linguística. Não

obstante a milenar história do desenvolvimento daquela ciência, ainda há falta de concordância quanto ao seu objeto e ao seu campo de atuação. Como bem ressalta Bassetto (2001, p. 20), “o conceito de Filologia não é unívoco; divergem muitos autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo”. Por outro lado, Melo (1975) afirma que a filologia é uma ciência perfeitamente caracterizada com métodos e objeto atestados.

Cabe dizer que ela é uma ciência, perfeitamente caracterizada, com seu objeto formal nitidamente estabelecido, com seus métodos próprios, seguros e apurados, com suas conclusões definitivas. O objeto da Filologia é a forma de língua atestada por documentos escritos. (MELO, 1975, p. 22).

Pelo exposto, vemos que a falta de consenso gira no próprio seio da filologia, muito embora já se tenha mais firmeza hoje sobre o seu papel e os seus métodos, mesmo que a questão não esteja plenamente resolvida. É mister registrarmos outras acepções de filologia apresentadas por diferentes especialistas que nos ajudam a compreender quão magnitude e complexidade toma conta desse tema.

A afirmação verdadeiramente correta que devemos ter em relação aos estudos de filologia é que esta não existe sem os textos escritos. É ela uma ciência essencialmente ancorada na tradição escrita, tanto de índole literária nos quais se fundamenta o nascimento dos estudos filológicos, sobretudo nas obras clássicas dos escritores gregos e romanos, como afirma Righi (1967). Mas também em textos não literários de caráter notarial e oficial.

A filologia, em seu significado comum, surge naquela época da civilização grega a qual se pode classificar de helenística ou alexandrina: do século III a.C em diante, quando depois de morto Alexandre Magno, a civilização de língua grega passou ao Egito, que se converteu no empório comercial e industrial, e também cultural mais importante do mundo civilizado; isto é, como centro e capital do mundo ocidental durante três séculos, até que Roma impôs sua hegemonia, quando da batalha de Áccio (31 a.C) (RIGHI, 1967, p. 17).²¹

Quanto aos textos de natureza notarial e oficial, são aqueles pro-

²¹ La filología, en su significado ordinario, surge en aquella época de la civilización griega a la que se suele alificar de helenística o alexandrina: del siglo III a.de J.C. en delante, cuando, después de muerto Alejandro Magno, la civilización de lengua griega pasó a Egipto, que se convirtió en el emporio comercial e industrial, y también cultural, más importante del mundo civilizado; esto es, en el centro y como la capital del mundo occidental durante tres siglos, hasta que Roma impuso su hegemonía, hasta la batalla de Accio (31 a.de J.C.). [Todas as traduções realizadas neste trabalho são de nossa responsabilidade].

duzidos pelos órgãos governamentais nas repartições públicas, pelas cúrias das igrejas, pelos cartórios de registro civil e por outros segmentos da sociedade em períodos históricos diferentes. Tais textos se definem pela função social que exercem em diferentes setores da vida pública e privada, os quais se classificam em vários gêneros, como: testamentos, escrituras, inventários, certidões variadas, registros de compra e venda, registro de nascimento e de óbitos, registros de queixa-crime, autos de defloramento, autos de querela, autos de criação de vilas dentre muitos outros registrados por meio da pena dos tabeliães e escrivães que serviam aos órgãos da administração pública. Esses documentos passam a ser objeto de estudo da filologia, principalmente nos tempos modernos.

A tradição escrita no Brasil é muito recente e remonta a pouco mais de 500 anos com a chegada dos portugueses e suas primeiras ações na conquista do novo mundo; atesta isso, por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha como primeiro texto escrito em terras brasileiras. A prática de escrever nos primeiros séculos de nossa história era totalmente manuscrita. Houve tipografias criadas no Brasil anterior à chegada da Família Real em 1808, porém, não lograram grandes êxitos, vindo se firmar a primeira tipografia a partir daquela data, isto é, no princípio do século XIX, conforme informa Barbosa (2002). Os primeiros textos eram quase totalmente de caráter oficial, escritos pelas instituições administrativas das esferas pública e privada para os diversos fins. A tipologia textual produzida nesse período pertence àquelas duas esferas administrativas e a elas são acrescentados os textos de caráter particular e familiar. Apresenta Barbosa (2002) os tipos de textos produzidos na época colonial brasileira nas seguintes modalidades:

- a) Administração pública: requerimentos, representações, ofícios, alvarás, cartas (de leis, régias etc.), devassas, relações de viagens, testamentos, certidões etc.
- b) Administração privada: relatórios de finanças, mapas de produção (de fazenda, agrícolas, de pecuária e do extrativismo), mapas de compra e venda, cartas de comércio, missivas de controle interno do clero regular, deliberações capitulares etc.
- c) Textos particulares: missivas (entre familiares, entre amigos, por interesses afetivos), diário etc.²²

²² Estes dados são de Barbosa (2002). Logicamente que muitos outros gêneros textuais – encontrados nos velhos livros da administração portuguesa e guardados nos arquivos públicos – podem ser

De um modo geral, todas as capitânias do Brasil produziram seu acervo documental referente à administração pública e os textos versam sobre assuntos diversos em todos os setores administrativos. Todas elas estavam intimamente dependentes da coroa portuguesa, tornando-se semelhantes no tocante a esse acervo, tanto em relação à comunicação recebida quanto à massa documental produzida aqui, na colônia, com interesses diferentes. Podemos acrescentar uma quantidade de textos que ora se perde nos arquivos, sem a oportunidade de ser lida. Portanto, o papel da filologia e do filólogo é de extrema necessidade em sua função básica de resgatar, editar e salvar, evitando, assim, a destruição material dos textos.

O objeto básico da filologia é o texto escrito, por conseguinte, faz parte também da área de investigação filológica todas as formas de suportes sobre os quais os textos são registrados. Cambraia (2005) denomina esses suportes de matéria subjetiva, tais como: papiro, pergaminho e papel. Nos tempos modernos há uma ampliação de tais materiais como podemos constatar através do filme, disco ótico, disco magnético, fita magnética que são mencionados por Bellotto (2007). No tocante ao papel, que é o material de amplo uso na maioria dos documentos brasileiros, é importante reconhecer a sua composição, a textura, a cor, o seu estado de conservação, enfim, todas as características que envolvem os códigos guardiães dos textos conhecidos na contemporaneidade.

Há, também, outras fontes de conservação da escrita manifestadas em materiais duros, como mármore, metais, medalhas, moedas; outrosim, as paredes dos templos, das casas, dos túmulos, das cavernas em forma de inscrições e datas, manifestações de cunho pessoal em sociedades antigas como a romana, por exemplo. Assim, foram as ruínas parietais da cidade de Pompéia que preservaram as marcas da língua latina falada e escrita pelo povo inculto, por isso denominado de latim vulgar. Portanto, tudo o que possibilita o conhecimento da língua e da sociedade que a utilizou passa a ser de interesse do filólogo, principalmente ao considerarmos a filologia numa visão clássica.

[...] filologia é esse interesse por conservar os textos, esse afã por fixar com exatidão os documentos, por estabelecê-los e documentá-los para poder descrevê-los fidedignamente e reproduzi-los de um modo sensível como depósi-

acrescidos. Assim, temos nomeações diversas, como: de professores, de diretores de índios, de várias patentes, provisões, bandos, cartas de repreensão, de recomendações, avisos, de distribuição de patentes, dentre muitos.

Além dos suportes que detêm os textos, constituem interesse do filólogo os instrumentais empregados no ato de escrever. Berwanger e Leal (2008) apresentam os variados instrumentos utilizados na escrita, quais sejam: estilete, cálamo, pincel, grafite de largo uso no passado. Segundo Cambraia (2005), a partir do século XIX surgiram outros instrumentos mais modernos, como: pena de aço, caneta-tinteiro, caneta esférográfica, lápis e muitos outros que integram os materiais de fixação dos textos escritos. Há, ainda, a matéria aparente, que conforme o autor, é a tinta, sua composição química com base em matéria vegetal, mineral, e animal, que resulta em dois tipos de tintas: a de carbono e a ferro-gálica. Esta última muito utilizada nos manuscritos ainda no século XIX, devido à possibilidade de maior fixação no papel, não obstante o forte poder de corrosão causado pelos ingredientes usados em sua composição à base de noz-de-galha, vitríolo e goma. Cabe ainda observar o tipo de escrita desenvolvido em cada época que atende à sua evolução, do greco-românico ao romano, do gótico ao humanístico. Conforme Spina (1994), esse último tipo começa a vigor em Portugal no século XVI. Nos últimos tempos, com o desenvolvimento dos recursos tecnológicos, passou a predominar o uso da máquina de datilografar e do computador, dispensando-se os estilos de escrita manuais.

Vê-se, portanto, que a concepção de filologia vigente, pelo menos até o século XIX, é de caráter globalizante, mantendo inter-relações com várias outras ciências, pois a compreensão ampla de um texto, seja qual for o seu suporte e o tempo de sua produção, envolvem conhecimentos linguísticos, literários, históricos, geográficos e socioculturais da sociedade que produziu tais textos, além da necessidade de se fazer a interface com outras ciências ancilares como a paleografia, a diplomática, a codicologia, a numismática, a ecdótica, a heráldica, a esfragística, a exegese, a hermenêutica ou mesmo a sigilografia. A compreensão ampla do conceito de filologia não pode prescindir do texto escrito como base fundamental e da transdisciplinaridade como marca característica.

Entretanto, há quem afirme que essa largueza dos estudos filológicos hoje é uma concepção ainda do século XIX, pois a filologia moderna culmina na crítica textual que, por sua vez, aborda a reconstrução

²³ [...] filología es ese interés por conservar los textos, ese afán por fijar con exactitud los documentos, por establecerlos y documentarlos para poderlos describir fidedignamente y reproducirlos de un modo sensible como depósitos de la sabiduría cierta del pasado.

crítica do texto. Assim, podemos definir duas fases da filologia: a clássica e a moderna.

O conceito apresentado por Marquilhas (2008) mostra bem essas duas fases, muito embora tal conceito, a nosso ver, não se desprenda da concepção de filologia no sentido clássico, caracterizada pela ampla dimensão e amplitude que lhe é inerente, fazendo imersões nas disciplinas auxiliares.

Estudo do texto escrito na perspectiva de sua produção material, da sua transmissão através do tempo e da sua edição. O que é essencial no texto que constitui o objeto da *filologia* é o seu registo em suporte material, ficando os textos orais excluídos das preocupações desta disciplina. O termo evoluiu de uma acepção muito lata, romântica, sobretudo, que englobava estudos literários e linguísticos, para o conceito estrito de disciplina concentrada na recriação das coordenadas materiais e culturais que presidiram à fabricação e sobrevivência de um texto escrito. A orientação última é a de preparar a edição do texto, daí que a *filologia* culmine na *crítica textual*. Tem ainda, como disciplinas auxiliares, a *codicologia*, a *bibliografia material*, a *manuscriptologia* e a *paleografia*, segundo as quais se descreve e interpreta a dimensão material do texto: o livro, o documento e a letra que o enformam. (MARQUILHAS, 2008)

Embora tenha minguado o campo da filologia, como afirmado na definição acima, passando da amplitude para a restrição, concentrando-se nas coordenadas materiais e culturais de um texto escrito, culminando na crítica textual, cremos que, nessa perspectiva, torna-se também complexo o sentido de crítica textual. Como fazer crítica textual sem estabelecer relações do texto com outras áreas do conhecimento ao qual ele se insere, sem analisar o contexto e as implicações históricas e culturais que submergem nos textos de qualquer época? Como fazer crítica textual sem a intertextualidade? Se o objetivo da crítica textual é entender e explicar o texto, não pode prescindir de navegar nas plagas da história e da cultura do povo que o escreveu. É fundamental, portanto, termos noções das diversas circunstâncias que rodeiam o texto, tanto no âmbito linguístico quanto no contexto social, histórico-cultural e antropológico. Assim, a nosso entender, há uma transferência conceitual, pois o que era entendido como filologia passa a ser crítica textual com todas as suas vicissitudes.

Seja como crítica textual ou como filologia, as dimensões do conceito abrangem certa amplitude. Não pretendemos atribuir um domínio universal e pansófico à filologia, conforme critica Melo (1975), porém acreditamos na abrangência e largueza desses estudos que trazem, em si, a necessidade de transitar por muitos caminhos, necessidade esta provocada pela criação do espírito humano ansioso e avassalador em busca de ultrapassar limites, como bem afirma Serafim da Silva Neto:

[...] os estudos linguísticos encontravam seu verdadeiro e adequado lugar como parte integrante da história cultural: da cultura como um todo que abrange desde as manifestações transmitidas apenas oralmente, até as mais altas criações do gênio humano. (SILVA NETO, 1960, p. 47)

Resiste também uma velha querela entre linguística e filologia, tendência natural do ser humano em seccionar e separar as coisas, da mesma forma como é feito em relação ao conhecimento em geral, muito embora não seja possível ou, pelo menos, fácil de fazê-lo. Assim, essas duas maneiras de estudar a língua, muitas vezes, se confundem, não raro causam atritos. De fato, caminham *pari passu*, no entanto, se distanciam quanto ao método e às abordagens. Cada uma se dedica do seu modo próprio, cultivando as manifestações da língua humana e obtendo resultados satisfatórios a todos.

Melo (1975), em nota de pé de página, faz a distinção entre uma filologia clássica de larga abrangência e de vasta erudição e a filologia das línguas modernas que se apoia, fundamentalmente, na linguística. Não podemos negar a amplitude que o estudo filológico atinge ao ter como objeto o texto produzido em uma época pretérita, quando nesse são retratados fatos históricos e culturais, crenças e valores de um povo, incluindo também as marcas dos tipos de suporte que nos levam a decifrar e a entender determinado momento da história de uma civilização. O estudo do texto não se restringe à análise de manifestação linguística, muito embora seja um dado imprescindível a se observar com cuidado. Eis, portanto, a magnitude da filologia que, em nosso modo de ver, ainda persiste. A linguística está mais restrita à análise da língua propriamente dita. Para Melo (1975, p. 31), “A palavra *filologia* goza de merecido prestígio decorrente inclusive de sua antiguidade muito maior. A linguística nasceu da filologia e dela não pode prescindir”.

Carreter (1990) também estabelece duas dimensões da filologia: no sentido clássico designa a ciência que se ocupava de fixar, restaurar e comentar os textos literários. No sentido moderno, seu campo se ampliou convertendo-se na ciência que dá conta da linguagem, da literatura e de todos os fenômenos da cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos.

Já em relação ao embate com a linguística, o autor diz que esta concentra seu interesse exclusivamente na língua falada ou escrita, utilizando os textos somente como modelos para conhecer melhor a língua, ou seja, não há o entendimento amplo do texto. Assim, o autor distingue o estudo filológico, como aquele de melhor compreensão e fixação de um

texto, do estudo linguístico, o que concentra seu interesse na língua falada ou escrita, mesmo que nessa última modalidade utilize os textos de forma secundária.

A preocupação pela língua falada, de um lado, e de outro, o comparatismo, que opera muitas vezes sem poder apoiar-se em textos escritos, deram origem a uma nova ciência, a linguística, que, com efeito, se confunde com a Filologia. Ambas as ciências estudam a linguagem, porém de distintos modos. A Filologia a estuda com vista a melhor compreensão ou fixação de um texto; a Linguística, por sua vez, centra exclusivamente seu interesse na língua falada ou escrita, utilizando os textos, quando existem ou precisa, somente como modelo para conhecê-lo melhor. (CARRETER, 1990, p. 187)²⁴

Houaiss (2001) apresenta quatro acepções de filologia, que se enumeram a seguir:

1. estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos.
2. estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos.
3. o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (ex.: filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica.
4. estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.).

Vê-se, portanto, que o autor define o objeto da filologia fixando-nos textos antigos, ou não, tendo em vista a edição e o estudo concentrado nesses textos como alvo principal. Os estudos de aspectos da língua referentes à morfossintaxe, à fonologia, ao léxico também podem ser realizados, mas a relevância é o estudo do texto, que se concretiza na edição e na crítica textual, principalmente. O texto editado fornece muitas informações linguísticas fundamentais para se conhecer a história de uma língua, no entanto, ele não se presta somente ao estudo da língua, há de

²⁴ La preocupación por la lengua hablada, de un lado, y de otro, el comparatismo, que opera muchas veces sin poderse apoyar en textos escritos, dieron origen una nueva ciencia, la Linguística, con la que, de hecho, frecuentemente, se confunde la filología. Ambas ciencias estudian el lenguaje, pero de distinto modo. La filología lo estudia con vistas a la mejor comprensión o fijación de un texto; la Linguística, en cambio, centra exclusivamente su interés en la lengua, hablada o escrita, utilizando los textos, cuando existen y los precisa, solo como modelo para conocerla mejor. (CARRETER, 1990, p. 187).

se dar bastante atenção a outros aspectos como as emoções que despertam no leitor e os reflexos do pensamento de seu autor, quando se trata de textos literários, especialmente.

Righi (1967) amplia a caracterização do estudo filológico, tendo o texto como o pivô que move e estimula o pensamento, conduzindo-o para o passado da humanidade e da identidade de um grupo. Além de sustentar o discurso e a estrutura de uma língua.

O estudo da filologia, a vocação filológica levou a fazer descobrimentos, produziu benéficos resultados, fomentou os estudos e o amor à verdade e à beleza. Foi um método e, por conseguinte, um meio para alcançar um fim. O fim (que nunca há de se esquecer) é o de promover a cultura mediante o melhor e mais genuíno conhecimento dos textos que a conservam e lhe dão corpo com vistas às gerações futuras, sendo seu veículo. Sem textos não há estímulo que nos mova a pensar nem a elaborar sequer um pensamento nosso, pois não teríamos ocasião nem modo de explicar-nos, de fazermos refletir sobre nós mesmos, de obrigar-nos a reconhecermos o passado da humanidade, de darmos a sentir sua vinculação com o presente. O texto é o instrumento que fixa materialmente o discurso escrito, e este mesmo discurso escrito é englobado no material que o contém e o incorpora, o certifica e o transmite com sua estrutura gramatical e sintática, com representação orgânica e total: possivelmente, por decifrar, reintegrar, repolir e constituir. E, a continuação, por interpretar.. (RIGHI, 1967, p. 15)²⁵

Estende-se o estudo do texto ao seu contexto muito mais amplo que abrange aspectos políticos, culturais, religiosos, econômicos, dentre outros expressos através da linguagem que possibilita entender as vivências de grupos étnico-sociais e o funcionamento da língua em épocas passadas nas quais os textos foram escritos. Por esta razão a filologia é essencialmente uma ciência interdisciplinar, fazendo-se necessária a relação com as demais ciências afins. Isso faz com que seja atribuído ao termo filólogo o caráter de refinamento intelectual, como nos diz Bassetto

²⁵ El estudio de la filología, la vocación filológica ha llevado a hacer descubrimientos, ha producido beneficiosos resultados, ha fomentado los estudios y el amor a la verdad y a la belleza. Ha sido un método y, por consiguiente, un medio para alcanzar un fin. El fin (que nunca ha de olvidarse) es el de promover la cultura mediante el mejor y más genuino conocimiento de los textos que la conservan y le dan cuerpo con miras a las generaciones futuras, siendo su vehículo. Sin textos no hay estímulo que nos mueva a pensar ni a elaborar siquiera un pensamiento nuestro, pues nos tendría ocasión ni modo de explicarse, de hacernos replegar sobre nosotros, de obligarnos a reconocer el pasado de la humanidad, de darnos a sentir su vinculación con el presente. El *texto* es el instrumento que fija materialmente el discurso escrito, es este mismo discurso escrito englobado en el material que lo contiene e incorpora, lo certifica y lo transmite, con su estructura gramatical y sintáctica, con su representación orgánica y total: posiblemente por decifrar, reintegrar, repulir y constituir. Y, a continuación, por interpretar. (RIGHI, 1967, p. 15).

(2001, p. 23): “Pode-se concluir que o termo ‘filólogo’ denota, quase sempre, uma ideia de refinamento intelectual, de amplos conhecimentos gerais ou específicos, de cultura em geral e de domínio da linguagem em particular”.

A definição de Castro vai ao encontro da concepção anterior. O autor ressalta o texto, a sua manifestação em todos os sentidos, o seu material, o modo de conservação, a escrita e a transmissão desse texto como objeto de estudo da filologia.

Ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor. (CASTRO *apud* MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 1)

Reafirmamos que a tarefa da filologia é o estudo dos textos através da sua transcrição, edição e publicação para se conservar o material e a história da humanidade. Por meio do trabalho de edição do material escrito, esse se presta a vários outros estudos como o da análise da língua e da sociedade como um todo. Conforme bem menciona Lausberg (1963), ao filólogo competem três tarefas, quais sejam: 1) tarefa básica: salvar os textos da destruição material; 2) tarefa central: conservar o sentido que se deve dar ao teor do texto e 3) tarefa de integração e conexão com outros textos. Todas essas tarefas compreendem o teor filológico que tem como seu principal papel o de restabelecer o texto genuíno, editando-o criticamente seguindo os métodos da crítica textual, como atesta Spina (1994).

A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. [...] A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, constituem aquilo que podemos chamar de *função subjetiva* da Filologia; a Edótica compreende essa operação da crítica textual e a organização material e formal o texto com vistas a publicação. (SPINA, 1994, p. 82)

Righi (1967) apresenta uma longa discussão sobre o papel da filologia e do filólogo. Para ele o verdadeiro filólogo não se limita a reunir e conservar materiais, conhecer os livros pelos lombos e pelas capas, mas sem saber dar uma informação a respeito do conteúdo. O filólogo carece de zelo didático, de fervor de espírito, de conhecimentos de literatura universal, de impulsos elevados inspirados na leitura prazerosa dos grandes poetas e literatos. Deve ter interesse pelos temas que o cercam, como política, religião, justiça e moral, ou seja, deve ter um conhecimento amplo de tudo que envolve a cultura humana. O autêntico filólogo “nada diz às tontas e às loucas, nada que não possa reduzir-se à precisão textual e

mental, que é avidamente solícito.” (RIGHI, 1967, p. 41)²⁶.

Para o autor a importância atribuída ao filólogo é extremamente relevante, não só pela leitura de um texto, que qualquer homem poderia fazer, mas pela capacidade de reconhecimento de qualquer erro ou variação que porventura possa existir, através do seu conhecimento de um texto e de toda a sua tradição.

A reconstrução cognoscitiva requer certamente, repetimos, intuição do autor (entender um texto de Dante, uma tragédia de Shakespeare, um diálogo de Platão, uma página do Evangelho em seu significado mais profundo, tal que pode e deve despertar o interesse de qualquer homem). Porém, para levantar a hipótese de que no texto há de fazer correção ou uma variação é preciso antes de tudo entender o texto e conhecer toda a história de sua tradição manuscrita. Prova dele são as séries de profundas reflexões que os filólogos costumam pôr no início de suas edições dos textos clássicos o u do gênero que sejam. (RIGHI, 1967, p. 35)²⁷

O mesmo aspecto amplo é designado à filologia como inseparável do espírito humanístico. O autor apresenta quatro propriedades e afinidades da filologia, que são as seguintes: 1) requer e atesta, suscita e mantém o espírito de *finesse*; 2) surge e se realiza em presença de uma certeza textual; 3) educa o sentido positivo do concreto, evitando as generalizações, a superficialidade, o diletantismo do que fala de ouvido, ou seja, sem comprovação dos fatos; 4) o sentido filológico é condição necessária e o impulso para a exata evocação e percepção de um feito, de uma ideia que eduque a mente e a habitue a gostar do prazer que produz o aumento do próprio patrimônio espiritual.

A filologia se relaciona conceptualmente com a erudição, que é genérica e abarca tudo sem limites determinados, sem figura precisa; com a *história*, que sem a filologia não pode cumprir sua tarefa, porém não se reduz à filologia; com o *humanismo* que é o espírito animador da filologia, no qual põe, por sua vez, suas raízes; no *sentido estético*, porque sem a precisão textual a beleza nem se percebe, nem se gosta, nem se transmite, nem pode permanecer entre

²⁶ [...] nada dice a tontas y a locas, nada que no pueda reducirse a precisión textual y mental, de las que es ávidamente solícito.

²⁷ La reconstrucción cognoscitiva requiere ciertamente, repetimos, intuición y sensibilidad adecuadas a la altura de la inspiración o del contenido del autor (entender a canto de Dante, una tragedia de Shakespeare, un diálogo de Platón, una página del Evangelio el interés de cualquier hombre). Pero, para sentar la hipótesis de que en el texto se ha de hacer una corrección o una variación es preciso ante todo entender el texto y conocer toda la historia de su tradición manuscrita. Prueba de ello son las series de agudas reflexiones que los filólogos suelen poner al comienzo de sus ediciones de los textos clásicos o del género que sean. (RIGHI, 1967, p. 35).

Outro autor que mencionamos aqui é Swiggers (1998), que avalia as difíceis relações entre linguística e filologia, como também a atitude dos filólogos e dos linguistas. Propõe o autor tomar o termo filologia no sentido muito amplo que envolve três domínios de estudo: 1) o linguístico; 2) o literário; e 3) a edição de textos. Nesse âmbito, a filologia abrange o estudo de línguas, a arte de editar textos e o fazer crítica textual. No sentido estrito, a filologia restringe sua área de abrangência somente à crítica textual.

[...] não é pois senão um resumo da filologia total – visto que ela implica um comentário linguístico e literário -, mas a sua especificidade parece residir na aplicação feita a um tipo particular de objeto: textos que necessitam de uma apresentação ‘crítica’. (SWIGGERS, 1998, p. 5)

No século XIX e início do século XX o ideal da filologia estava relacionado à ideia de comparar, dado ao grande avanço dos estudos de várias línguas por meio da comparação destas em busca da origem da língua-mãe. Neste sentido, compreende-se o papel da filologia no aspecto da comparação.

A filologia é a disciplina que, partindo dos textos – quer se trate dos Vedas da epopeia dos Mahabhrata, da Bíblia Gótica, da poesia dos trovadores provençais -, estuda estratos de língua, compara-os a outros estados da mesma língua ou a cortes sincrônicos de outras línguas, a fim de reconstruir a história de uma língua ou de uma família de línguas. (SWIGGERS, 1998, p. 7)

Logo, no século XIX a filologia estava centrada na comparação de estados de língua com a finalidade de estabelecer o parentesco linguístico, descobrir onde ocorriam as mudanças e quais as forças que contribuíam para isso. É naquele século, com o desenvolvimento do comparativismo linguístico, que teve início o ramo das filologias particulares, como a filologia eslava, a germânica, a céltica, a românica. Dessa última, desenvolvem a filologia portuguesa, a francesa, a espanhola, a romena e as demais do ramo das línguas românicas. É também no final do século XIX que começa a crise de identidade da filologia, somando-se, a isso, a

²⁸ La filología se relaciona conceptualmente con la erudición, que es genérica y lo abarca todo sin límites

determinados, sin figura precisa; con la historia, que sin la filología no puede cumplir su tarea, pero que no se reduce a filología; con el humanismo que es el espíritu animador de la filología, en la que echa él, a su vez, sus raíces; con el sentido estético, porque sin la precisión textual la belleza ni se percibe, ni se gusta, ni se transmite, ni puede permanecer entre nosotros. (RIGHI, 1967, p. 45).

grande importância da linguística moderna e do estruturalismo que privilegiava o estado sincrônico das línguas.

O papel específico da filologia passa a se resumir em duas propriedades essenciais e fundamentais, conforme Swiggers (1998): 1) o trabalho sobre textos escritos; 2) o esforço descritivo voltado para os textos. Mesmo que o texto também favoreça à linguística e à gramática histórica, porém a filologia “exige o retorno ao estabelecimento de um texto, com vista a sua edição crítica e/ou a um comentário linguístico”.

O autor estabelece uma relação intrínseca entre filologia e linguística muito necessária para ambas. Para ele a filologia engloba a linguística, e toma como objeto o discurso desta e sua terminologia.

A filologia engloba a linguística, na medida em que é necessário fazer uma filologia da linguística: a filologia toma, então, como objeto o discurso dos linguistas e, de modo bem particular, a sua terminologia descritiva. (SWIGGERS, 1998, p. 14)

Conforme Swiggers, essa é uma filologia metalinguística que se apresenta em três níveis: 1) macroscópico – por meio de dicionários de termos linguísticos estabelecidos a partir de *corpus* linguísticos. 2) microscópico e 3) o que seria uma metafilologia, quando a linguística examina e julga o *corpus* filológico e a prática que esse reflete.

A integração da filologia e da linguística é necessária no empreendimento de lexicologia histórica e nos diversos estudos de história das línguas.

[...] é o trabalho filológico que nos ajuda a reconstruir a perspectiva temporal na história das línguas. A descoberta da cronologia interna é o resultado de um trabalho combinado de filologia e de linguística histórica: é este trabalho que é o fundamento da verdadeira linguística histórica [...] (SWIGGERS, 1998, p. 15)

É por meio da edição dos textos, conservando a língua em seu estado de manifestação, portanto, que se consolida e se diferencia o trabalho filológico. Através da recuperação e edição dos textos muitas outras atividades são realizadas, como a crítica textual e os múltiplos estudos propriamente no âmbito da língua, em todas suas realizações.

A simbiose é perfeita entre as duas ciências, porém, podemos perceber como ambas abordam metodologias diferentes para o mesmo objeto de estudo, ou seja, a língua. Ambas abrangem aspectos diferentes e demonstram importância social imprescindível que devemos considerar sem menosprezo de nenhuma.

Vemos que o caráter abrangente da filologia clássica constitui sua base definicional e metodológica, sobretudo fincada no tripé língua, literatura e cultura. O papel atribuído ao filólogo beira ao exagero quando a este são dadas atribuições divinas, como se refere Vasconcelos (1912, p. 130) ao definir o filólogo e a filologia como “órgão da literatura e instrumento de nós todos, mas principalmente e sublimadamente dos letrados que, apesar de tudo quanto contra eles se tenha dito e se possa dizer, são poderosos obreiros de Deus”.

A filologia moderna não perdeu de todo o seu caráter globalizante, muito embora seu foco não se restrinja mais ao texto literário, abarcando também outras modalidades textuais de caráter diverso. Já na segunda metade do século XX, Silva Neto (1960) aponta uma filologia voltada para outras manifestações textuais além da literária, defendendo uma concepção de língua como um organismo vivo em constante movimento de transformação causado pelo espírito humano.

Daf que a filologia românica do século XX esteja voltada para os dois tipos de expressão linguística: a dos grandes escritores, que procura interpretar, e a das comunidades regionais, que procura recolher. Com ambas se faz a história da língua. (SILVA NETO, 1960, p. 48)

Vemos nessa citação que a ênfase é dada a todas as modalidades textuais, destacando-se duas tarefas importantes da filologia: a edição de textos produzidos por comunidades discursivas diversas e a interpretação dos textos para uma compreensão ampla da língua, inclusive a sua história interna e externa. Ademais, o autor também destaca o papel da crítica textual que consiste na interpretação dos textos dos grandes escritores. Portanto, podemos ver a importância atribuída aos textos escritos de qualquer modalidade para compor o campo de atuação dos estudos filológicos.

O pensamento de Lamas (2009) vem corroborar e ampliar a ideia apresentada quando propõe a unificação de todos os estudos da língua em uma grande dimensão a qual denomina de linguística do texto integral. A nova filologia, digamos assim, proposta por ele, leva a um redimensionamento do conceito de texto em três sentidos: 1) um no sentido unitário, um dito oralmente ou um dito por escrito; 2) texto como atividade e como produto; e 3) texto como totalidade do que é falado, muito além da finalidade literária, embora o texto literário também seja incluído na proposta. Logo, a noção de filologia modernamente concebida, segundo esse autor, é um universo muito amplo que envolve todas as manifestações linguísticas.

[...] esta noção de filologia tem recuperado recentemente, sem nada a ver com o “mercado”. E se tem recuperado para adaptá-la aos novos tempos e aos novos objetivos. Por sua parte, se tem logrado que transcenda definitivamente ao âmbito do literário para ocupar-se de todos os textos; se tem intentado eliminar velhos resquícios de subjetividade e impressionismo, prolongados, por exemplo, na estilística e na crítica textual; e se tem outorgado o papel de nível último e mais concreto de uma linguística integral que dê sentido a qualquer estudo sobre a linguagem, quer seja teórico ou aplicado. Dito de outro modo, se se integra esta filologia embasada nos estudos acerca do texto (para o caso “discurso”) como unidade superior e básica dos estudos [...]. (LAMAS, 2009, p. 24)²⁹

A filologia moderna não perde seu caráter multidimensional, pelo contrário, parece mesmo ampliar suas dimensões quando sai do âmbito do texto literário para englobar todos os gêneros textuais e todas as manifestações da língua, ou seja, uma filologia de estudo integral, conforme palavras do autor.

Trata-se, no fundo, de propor um modelo articulado em que se integrem o cultural, o linguístico e o literário, porém em que também englobem as demais dimensões da linguagem: a cognitiva, a gramatical e a semântica, a sociocomunicativa e a textual, a variação, a aplicação do linguístico a qualquer das esferas da realidade prática, etc. E se trata, também, de um modelo comum para a linguística sincrônica e para a diacrônica. (LAMAS, 2009, p. 24)³⁰

Para Lamas os estudos de filologia, ademais, devem abordar todas as dimensões linguísticas, abarcando conhecimento cultural e conhecimento idiomático tanto no nível sincrônico quanto no diacrônico.

[...] A meu juízo, a atitude filológica corresponde plenamente ao estudo da linguística do texto, em qualquer de suas modalidades ou manifestações particulares, atuais e pretéritas, enquanto ciência que se ocupa da técnica para a explicação do sentido de cada discurso particular, ou o que é o mesmo, enquanto *hermenêutica do dito*. Ocupa-se neste sentido de desenvolver uma téc-

²⁹ [...] esta noción de Filología se ha recuperado recientemente, sin que en ello tenga que ver “el mercado”. Y se ha recuperado para adaptarla a los nuevos tiempos y a los nuevos objetivos. Por una parte, se ha logrado que trascienda definitivamente el ámbito de lo literario para ocuparse de todos los textos; se ha intentado eliminar viejos rescoldos de subjetividad e impresionismo, prolongados, por ejemplo, en la Estilística y en la Crítica Textual; y se le ha otorgado el papel de nivel último y más concreto de una Lingüística integral que dé sentido a cualquier estudio sobre el lenguaje, ya sea teórico o ya sea aplicado. Dicho de otro modo, si se integra esta Filología basada en los estudios acerca del texto (para el caso, “discurso”) como unidad superior y básica de los estudios [...] (LAMAS, 2009, p.24).

³⁰ Se trata, en el fondo, de proponer un modelo articulado en el que se integren lo cultural, lo lingüístico y lo literario, pero en el que también quepan las demás dimensiones del lenguaje: la cognitiva, la gramatical y la semántica, la sociocomunicativa y la textual, la variación, la aplicación de lo lingüístico a cualquiera de las esferas de la realidad práctica, etc. Y se trata, también, de un modelo común para la lingüística sincrónica y para la diacrónica (LAMAS, 2009, p. 24).

nica para a interpretação sistemática e fundada, isto é, de uma *heurística* ou registro de feitos do texto que permitem alcançar determinados sentidos: por exemplo, se ocupa de nos ensinar a ver o sentido de passagens literárias, mas também em textos cotidianos, publicitários, coloquiais, históricos, bíblicos ou jornalísticos, e inclusive os de “descarte”. (LAMAS, 2009, p. 25-26)³¹

Percebemos que a proposta de filologia apresentada por Lamas engloba todas as correntes da linguística moderna, o que parece dissolver, assim, as barreiras entre filologia e linguística. Dessa forma, temos uma ampliação do sentido clássico dos estudos filológicos – o texto, enquanto objeto de estudo –, permanece no centro, porém pode ser de qualquer natureza. Para a análise e interpretação dos textos é necessário penetrar profundamente em todas as vertentes da linguística, por meio de elementos do discurso, da pragmática e da língua, enquanto sistema propriamente dito visto tanto sincrônico quanto diacronicamente. Ademais, o sentido do texto só é integral quando se considera também o contexto extralinguístico e as condições sócio-históricas, culturais, jurídicas, religiosas, econômicas e ideológicas em que o texto foi elaborado.

Seja no sentido clássico ou no sentido moderno, a filologia tem como parâmetro fundamental o estudo do texto em amplas dimensões. Para fazermos uma leitura, por exemplo, de um auto de querrela, de um testamento, de uma receita culinária ou de qualquer texto escrito no período colonial brasileiro, temos que buscar informações da realidade que circunda esses textos, pois tais informações são de várias esferas da vida do homem naquele momento. As relações sociais, como o trabalho, o modo de pensar diante dos fatos, a moral reinante na época, todos os instrumentos materiais usados nas fainas do cotidiano, as funções e os cargos da administração pública, as leis vigentes no contexto, os costumes e os sentimentos religiosos, as práticas da medicina e da justiça, em suma, tudo é revelado por meio da palavra. Tudo é expresso por meio do uso da língua escrita, que mantém uma rede de combinações sintático-semântico-pragmáticas e discursivas que engloba o texto. Os elementos da língua como o léxico, a sintaxe, a ortografia, com suas variações, as fraseologias

³¹ A mi juicio, la actitud filológica corresponde plenamente al estudio de la Lingüística del Texto, en cualquiera de sus modalidades o manifestaciones particulares, actuales y pretéritas, en tanto que ciencia que se ocupa de la técnica para la explicitación del sentido de cada discurso particular, o lo que es lo mismo, en tanto que *hermenéutica de lo dicho*. Se ocupa en este sentido de desarrollar una técnica para la interpretación sistemática y fundada, esto es, de una *heurística* o registro de hechos del texto que permiten alcanzar determinados sentidos: por ejemplo, se ocupa de enseñarnos a ver el sentido de pasajes literarios, pero también en los textos cotidianos, publicitarios, coloquiales, históricos, bíblicos o periodísticos, e incluso de los “de desecho”. (LAMAS, 2009, p. 25-26)

que constituem as tradições discursivas de uma área do saber específico da sociedade, a própria estrutura organizacional do gênero textual que se estuda, tudo isso nos conduz a uma leitura integral do texto.

3. O fazer filológico

O primeiro passo, diríamos, do fazer filológico, caracteriza-se pela recuperação dos textos manuscritos ou impressos, mediante o perigo de destruição material em que esses se encontram. Por meio de transcrição conservadora ou não, edição e publicação, esses documentos passam a ter uma vida longa e a sua divulgação chega ao conhecimento do grande público que lhe dará destinos diversos. Cada área do conhecimento interpreta um texto conforme finalidades específicas, pois os textos oferecem muitas informações e possibilidades de leituras. Assim, um historiador direciona suas leituras para os fatos históricos, um linguista, para manifestações da língua, um sociólogo ou um antropólogo, para dados relativos ao comportamento humano e social. Outros profissionais também poderão encontrar seu objeto de pesquisa nos textos editados.

Cabe ao filólogo escolher o modelo de edição mais conveniente, pois há vários tipos, variando conforme o objetivo de quem edita. Cambraia (2005) propõe os tipos fundamentais de edição que são baseados em dois aspectos: o público-alvo e a existência de edições anteriores. O segundo se propõe a não fazer uma edição repetida ou não atingir o objetivo primordial que é o conhecimento do texto quando este não é adequado a quem se destina, que compreende o primeiro princípio.

Assim, necessário escolher os tipos de edição mais apropriados e os seus objetivos. Se quisermos fazer um estudo da língua, observando todos os seus aspectos em uma determinada época ou em um gênero textual específico, devemos fazer uso de uma edição conservadora que dê conta dos aspectos de interesse. Contudo, se o objetivo é facilitar a leitura para um público maior que visa a perspectivas diversas, pode ser adotado outro modelo de edição não tão conservador.

O autor classifica em duas as categorias de edição, conforme a existência de cópias ou não do texto que se pretende editar. 1) edições monotestemunhais: quando há apenas um testemunho ou cópia do texto a se editar; 2) edições politestemunhais: quando há mais de uma cópia ou testemunho do texto que se pretende editar. São tipos de edições monotestemunhais:

- 1) edição fac-similar:** É uma edição mecânica e não apresenta nenhuma mediação no texto pelo editor, já que é uma reprodução do original por meios de alguns recursos mecânicos como fotografia, xerografia ou escanerização. Tem a vantagem de ser o texto reproduzido fielmente, porém, por outro lado, é necessário que o usuário ou o público a quem se destina domine a leitura dos manuscritos.

Esse tipo de edição tem como vantagem permitir o acesso ao texto de forma praticamente direta, o que confere ao consulente grande autonomia e liberdade na interpretação do testemunho. Por outro lado, tem a desvantagem de poder ser consultada apenas por especialistas, porque pressupõe a capacidade de se ler um texto na escrita original [...], além disso, costuma ser muito cara. (CAMBRAIA, 2005, p. 91)

Vale dizer que há, modernamente, meios eficientes desenvolvidos pela informática que limpam os excessos de borrões e sujeiras dos microfílmicos gerando uma interferência bastante significativa. A depender de quem usa, poderá levar também a uma deturpação do conteúdo do texto, portanto, há sim, grau de interferência do texto fac-similado, contrariando a definição acima.

- 2) edição diplomática:** A diplomática tem sua origem na arte de ler os antigos diplomas, ou seja, documentos oficiais nos quais se concediam alguma mercê, direito ou privilégio. É entendida como a arte de avaliar e conhecer com exatidão esses antigos diplomas, distinguindo os verdadeiros dos falsos e dos duvidosos. Para Bellotto (2007), a diplomática surgiu da necessidade de se averiguar a fidelidade dos diplomas medievais.

A diplomática como ciência documentária nasceu da reação do espírito crítico dos homens do século XVII à fidedignidade de certos “diplomas” medievais. O início da atividade diplomática liga-se à investigação sobre falsidade *versus* veracidade desses papéis. Foram, portanto, os estudos de ordem filológica, histórica e teológica dos séculos XVI e XVII que levaram o documento (diploma) a ser submetido a determinado tipo de crítica, surgindo daí a diplomática. (BELLOTTO, 2007, p. 47)

Vemos, portanto, que a edição filológica tem um papel importante de dar veracidade aos documentos por meio de sua investigação. Assim, a edição diplomática consiste numa reprodução fiel e altamente conservadora do documento original, preservando todos os aspectos, erros e borrões do mesmo. Conforme Cambraia,

[...] neste tipo de edição, faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, si-

Marquilha (2008) apresenta o conceito de edição diplomática, acrescentando ressalvas sobre a sobrevivência desse modelo que tende a não ser mais usado dado aos recursos tecnológicos do presente que possibilitam uma cópia mais fiel por meio de fotografia digital ou fac-similar. Afirma a autora que

[...] apresentação fiel de todas as características gráficas de um manuscrito substituindo apenas o texto desenhado por um texto tipografado, com renúncia, portanto, a qualquer esforço interpretativo ou reconstrutivo. Justifica-se quando o texto a editar tem um interesse eminentemente linguístico. Com as possibilidades modernas da técnica fotográfica, a edição fac-similada está a substituir cada vez mais a edição diplomática, sobretudo naqueles casos em que o texto editado tem um valor documental. (MARQUILHAS, 2008)

3) edição paleográfica, semidiplomática ou diplomático-interpretativa: é a edição em que há interferência do editor. Apesar de se manter conservadora, as abreviaturas são desenvolvidas como sinal de intervenção, visando facilitar a leitura por outras pessoas não acostumadas aos manuscritos. Segundo Cambraia (2005), esse tipo de edição é muito comum quando se tratam de textos jurídicos.

Bassetto (2001) classifica a edição diplomático-interpretativa ou semidiplomática como a que “procura facilitar ainda mais a leitura pelo desdobramento das abreviaturas, separação das palavras e colocação da pontuação”. E classifica a edição paleográfica como outro modelo à parte. Para ele a edição paleográfica revela vários pormenores que só um perito pode perceber. Vejamos o que assevera o autor:

A edição paleográfica resulta da transcrição de um manuscrito antigo [...], mais perfeita que a reprodução fac-similada, porque ressalta particularidades do texto e do material que só um perito pode descobrir. Assim, uma edição paleográfica identifica a redação primitiva, vários tipos de pormenores caligráficos, como correções e sinais apostos por revisores subsequentes, as diversas tintas utilizadas, tipos de letras e suas diversas configurações, casos de superposição de duas escritas, retoques, correções e emendas de diferentes épocas. (BASSETTO, 2001, p. 61)

4) edição interpretativa: ocorre quando há um alto grau de interferência do editor. Nesse tipo de edição também são desenvolvidas as abreviaturas e outras operações de mediação.

Assim como na paleográfica, fazem-se operações como desenvolvimento de abreviaturas e conjecturas, mas, além disso, o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica e as conjecturas vão além de falhas óbvias, compreendendo intervenções que aproximem o texto do que teria sido sua forma genuína. Esses procedimentos permitem, em primeiro lugar, apresentar o texto em uma forma acessível a um público amplo (já que dificuldades gráficas desaparecem com a uniformização); ademais, oferecem ao público um texto mais apurado, na medida em que vêm claramente assinalados. (CAMBRAIA, 2005, p. 97)

Ao contrário dos textos monotestemunhais, as edições polítestemunhais são as que se caracterizam por haver vários testemunhos e são de dois tipos: 1) edição crítica e 2) edição genética.

1) edição crítica: É uma reprodução do texto criticamente definido pela operação *constitutio textus*, que consiste em constituir o texto mais próximo possível do original (quando este não mais existe). É realizada a partir do confronto de várias cópias existentes.

Para Ceia e Marquilhas (2008) a edição crítica pode ser definida como a “publicação de um texto, de tradição ou gênese complexas, segundo os métodos da crítica textual. A edição crítica de uma obra exige-se, sobretudo, para os textos cuja autenticidade seja discutível”.

Para esses autores, os motivos que obrigam a se recorrer ao modelo de edição crítica, estão relacionados à busca de um modelo de edição que seja cientificamente correta, o mais próxima possível do estado original dos autógrafos. Ademais, uma edição crítica apresenta outras vantagens de corrigir erros causados por outros editores. Quando há muitas cópias de um texto, há mais probabilidade de maiores erros e deturpações.

Uma edição crítica pode também ajudar a corrigir erros e deturpações introduzidos pelos editores à revelia dos próprios autores, como aconteceu, por exemplo, com a obra romanesca de Eça de Queirós. Nos textos antigos, as dificuldades aumentam por não existirem edições diversas do mesmo texto revisado pelo autor, pois a maior parte da bibliografia que constitui o legado clássico literário existe a partir de cópias que se acreditam ser autênticas tanto quanto possível. *Uma edição crítica de textos antigos exige, naturalmente, apurados conhecimentos filológicos e históricos para que seja possível uma aproximação à versão original.* (CEIA; MARQUILHAS, 2008)

A edição crítica é o principal objetivo da crítica textual, conforme Silva (2007). Uma edição crítica se realiza em duas etapas: o estabelecimento do texto crítico e a apresentação desse texto. Para o estabelecimento do texto crítico há vários procedimentos que relacionamos a seguir: 1) a *recensio* ou recensão, que consiste no levantamento e cotejo de

todas as fontes ou testemunhos já publicados; 2) *collatio codicum* ou colação, que é a comparação dos diversos códices ou cópias de um texto; 3) *estemática* é a fase que determina a interpretação e classificação das variantes de um texto para a determinação genealógica entre os seus testemunhos. “Consiste no estabelecimento da genealogia do códice, isto é, sua filiação e modo de transmissão” (BASSETTO, 2001, p. 46). 4) *e-mendatio* ou emenda é uma operação que visa à correção do texto. Esta é a parte mais importante do processo de constituição do texto porque corrige os seus erros; 5) a apresentação do texto é a última etapa da edição crítica realizada após todos os outros processos. A edição crítica apresenta um sumário, uma introdução metodológica, o texto estabelecido criticamente, o glossário e as referências bibliográficas.

2) **edição genética:** É uma edição que apresenta, sob forma impressa e na ordem cronológica do processo de escrita, o conjunto dos documentos genéticos conservados de uma obra ou de um projeto, anotados de modo a perceber-se o processo da sua escrita. Na realização de uma edição genética, o editor faz o estudo da gênese de cada testemunho. Segundo Baldwin,

para a *edição genética*, cada testemunho constitui uma individualidade de espaço-tempo, que institui uma nova posição de autor e um agrupamento de sentidos. A edição genética mostra a obra como a escrita de um discurso em processo. (BALDWIN, 2006, p. 117)

Cambráia (2005, p. 105) apresenta também o conceito de edição genética conforme o que se segue: “A edição genética é fruto do desenvolvimento de uma abordagem de crítica do texto literário baseada no estudo da sua gênese”.

Seja qual for o tipo de edição adotado, havemos de ressaltar as múltiplas vantagens nessa tarefa, pois o texto editado cuidadosamente se presta a múltiplos estudos da língua em diferentes âmbitos e sobre vários olhares. Cada vez que entramos em contato com os textos percebemos aspectos linguísticos para objeto de análise e interpretação. Atualmente, com o desdobramento de várias teorias linguísticas, pode-se utilizar o texto de qualquer sincronia para aplicação de métodos e teorias a gosto do pesquisador. O analista do discurso, por exemplo, poderá analisar os documentos com o enfoque centrado no discurso da autoridade governamental, no século XVIII, ou no discurso das minorias que também se sobressaem em tais textos, por exemplo. O estudioso da linguística textual,

por seu turno, encontrará muitos elementos para suas análises, como a tessitura que constitui os textos dos velhos códices, as referências, a organização retórica, o nível de coerência estabelecido entre as partes, os elos coesivos e muitos outros. Nesse sentido, podemos fazer estudo de linguística moderna com textos editados de qualquer época. Assim, filologia e linguística se integram e cumprem o papel de mútua ajuda tão importante para ambas.

No aspecto especificamente filológico engloba-se, ainda, o estudo de etimologia por meio dos documentos que permitem a busca de informações sobre a significação de muitas palavras em contextos diferentes e as datas de seus registros. O estudo de onomástica referente à toponímia e à antroponímia, o estudo de genealogia, o estudo do léxico em vários aspectos e ainda da sintaxe, da evolução histórica da língua dentre tantas informações que o texto oferece.

Não podemos nos esquecer da amplitude filológica que desperta o interesse pelo pensamento filosófico e da sensibilidade que adentra no espírito humano construindo o conhecimento íntegro e verdadeiro de que fala Righi:

[...] para que a filologia cumpra como deve, há de ser adequação a palavra ao espírito, a forma sensível ao pensamento. Então os termos *filologia* e *filológico* expressam um elemento fortalecedor, positivo, constituinte, fecundo e essencial do conhecimento. A filologia é, assim, condição do conhecimento verdadeiro e íntegro. Não é história, nem filosofia, nem erudição. É percepção sensível de um conteúdo sensibilizado em sua forma.³² (RIGHI, 1967, p. 23)''

Além da área específica da linguagem, os textos se prestam como fontes para outras ciências, como a história, a geografia, a arquitetura, a sociologia, o direito para se avaliar as questões sociais, os conflitos, as manifestações religiosas, a situação das classes desprivilegiadas. Por tudo isso a edição dos textos é uma prática necessária, fazendo da filologia uma ciência inter e transdisciplinar, como sempre foi, e que se mantém fiel à sua verdadeira função.

(Continua no próximo número)

³² [...] para que la filología cumpla como debe, ha de ser adecuación de la letra al espíritu, de la forma sensible al pensamiento. Entonces los términos *filología* y *filológico* expresan un elemento fortalecedor, positivo, constituyente, fecundo y esencial del conocimiento. La filología es, así, condición del conocimiento verdadero e íntegro. No es historia, ni filosofía, ni erudición. Es percepción sensible de un contenido sensibilizado en su forma. (RIGHI, 1967, p. 23).